

**As bases epistemológicas para o fenômeno da morte e a psicoterapia**

**The epistemological foundations for the phenomenon of death and psychotherapy**

Israel Kujawa<sup>1</sup>

Ricardo Chiaradia<sup>2</sup>

**Resumo**

O presente artigo busca investigar as influências epistemológicas para discutir o fenômeno existencial da morte na história da civilização ocidental. Com o intuito de preservar a historicidade dos referenciais teóricos, adaptou-se pelo método bibliográfico narrativo repercutindo no campo da Psicologia. Para além da arbitrariedade impregnada pelo misticismo medieval, a religião católica não mostrou-se como um suporte eficiente ao longo da história, pelo contrário, fomentou a exclusão imediata da pessoa não correspondente aos princípios morais massivos. Conclui-se que a morte é expressada através de posições existenciais e significativas, diante da vida e da vulnerabilidade, necessitando de apoio psicoterápico para a saúde psicológica.

*Palavras-chave:* ciência, filosofia, morte, psicologia

**Abstract**

This article seeks to investigate the epistemological influences to discuss the existential phenomenon of death in the history of Western civilization. With the intention of preserving the historicity of theoretical references, it was adapted by the narrative bibliographic method, repercussion in the field of Psychology. In addition to the arbitrariness impregnated by

---

<sup>1</sup> Pós-Doutorando em Psicologia na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto - (FPCEUP) Graduação em Filosofia (UPF-RS, 1992), especialização em Filosofia Contemporânea (PUC-MG, 1995), em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Estrangeira (UPF-RS, 2000), Mestrado em Educação (UPF-RS, 2007) e Doutorado em Psicologia (UFRGS, 2016). Professor do Curso de Psicologia da IMED, desde março de 2007, Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da IMED. Email: israel.kujawa@imed.edu.br

<sup>2</sup> Estudante de Psicologia – IMED. Pesquisador: Intervenções da Psicologia na Socioeducação – Israel Kujawa. Pesquisador: Criminologia, Violência e Sustentabilidade – Felipe de Veiga Dias. Bolsista PROBIC - FAPERGS. Email: ricchiaradia@gmail.com

medieval mysticism, the Catholic religion has not proved to be an efficient support throughout history, on the contrary, it fomented the immediate exclusion of the person not corresponding to the mass moral principles. It is concluded that death is expressed through existential and significant positions, facing life and vulnerability, requiring psychotherapeutic support for psychological health.

*Keywords:* death, philosophy, psychology, science

## **Introdução**

No senso comum ocidental a palavra morte envolve o término de sentimentos, imagens, representações, crenças e perdas. De maneira histórica e transversal, as teorias continuam instigando a temática da morte, seja através das intuições míticas do senso comum ou por meio do empirismo no mundo científico; especificamente na área da saúde (Baldissera, Bellini, Ferrer, Barreto, Coimbra & Marcon, 1999).

A interpretação teológica medieval imperou de maneira radical na condenação de indivíduos que não correspondessem à cosmovisão moral predominantemente católica da Idade Média. Como intervenção de saúde psicológica para trabalhar a temática da morte, o código de ética do psicólogo aponta fronteiras obrigatórias para o exercício da psicoterapia (Conselho Federal de Psicologia, 2005). Trata-se de uma temática delicada, associada com processos de luto e cuidados paliativos, o que inclui a importância da compreensão epistemológico-histórica deste fato inevitável para prática da psicologia clínica e para a fenomenologia do existir.

## **Método**

Com o objetivo de aproximar o leitor dos parâmetros éticos e estéticos que envolvem a discussão do fenômeno da morte, utilizou-se o método bibliográfico narrativo (Creswell,

2014). Deve-se levar em consideração que essa investigação bibliográfica narrativa limitou-se ao âmbito da cultura ocidental embasando uma discussão final sobre as fronteiras presentes no Código de Ética do psicólogo (Conselho Federal de Psicologia, 2005).

### **Teorias**

O filósofo romano Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.) influenciou a compreensão do envelhecimento paulatino e invisível que contribui para a sabedoria na senectude. A velhice e a morte para Sêneca tem passos silenciosos que caminham diariamente, onde a brevidade da vida é brusca, necessitando experimentar e valorizar os momentos da vida através da inteligência (Sêneca, 2007).

Através de uma perspectiva histórica, o período da Idade Média reflete posições definidas sobre a finitude, pois o tempo regente era *linear*, ou seja, continha uma interpretação de início e fim de todos os fenômenos em perspectiva universal. O início e o fim do universo reduzia-se ao comando de Deus (Kujawa & Kujawa, 2016) e o moribundo estava destinado à enfrentar o *juízo final* no último suspiro em seu quarto, rodeado de pessoas (Ariès, 2012).

Para Pilagallo (2010), é importante lembrar a história do Cristianismo pelos cenários obscurantistas representados pela morte como, por exemplo, a caça às bruxas na Idade Média, de 1550 a 1650, que resultou em números aproximados de 50 a 100 mil mortes; incluindo conflitos entre católicos e protestantes. A Inquisição promovida pela Igreja Católica também gerou sofrimento extremo, de modo que o dilema do espírito *original* do cristianismo, *o amor ao próximo*, não é respeitado nas diversas tentativas de institucionalizar a ética cristã ao longo da história ocidental.

### **Contemporaneidade**

As bases filosóficas de Jean Paul-Sartre (1905-1980) inquietaram a filosofia ao afirmar que a *existência do ser humano precede a essência*, possibilitando a autonomia construtivista do psicológico individual altamente relativizado pelas experiências fenomenológico-emocionais. Nota-se a importância do ser humano construir suas essências como existência singular e absoluta perante a condição do mundo externo (Sartre, 2014).

Michel Foucault (1926-1984) declarou a morte da representação do ser humano através de pesquisas teóricas no campo da Filosofia, História, Antropologia, Psicologia e no Direito, notando que não há uma essência específica e universal do ser humano (Miotto, 2016). Com a inexistência de uma essência absoluta do humano, Foucault apontou a existência da criação *hermenêutica* do sujeito através de práticas discursivas que perpetuam a relação exploratória do poder social (Souza, 2017).

Para Ariès (2012), havia uma aceitação e participação social maior do fenômeno da morte na Idade Média com os eventos do *juízo final*, que reunia pessoas da comunidade no quarto do moribundo e a convivência social que funcionava perto de cemitérios. Com a industrialização da sociedade moderna, o conceito de morte passou a ter outros significados como, por exemplo, o diagnóstico de câncer e AIDS, que foram automaticamente atrelados ao estado de morte à vítima da doença pela gravidade crônica.

Como contribuição de análise sociológica, Norbert Elias (2001) critica a falsa e romântica impressão narrativa de que na Idade Média a morte era mais compreendida que nas sociedades industriais, quando na realidade foi (e continua sendo) um mecanismo de poder social, direcionando pecadores à condenação (inferno). Elias (2001) critica o pensamento mágico mantido para crianças acometidas pela perda de alguém íntimo: “Ele foi para o céu”, “ele está cuidando de você lá em cima” etc. Estes simbolismos acabam evitando o processo natural da tristeza e do luto na criança e supervalorizam ações de personagens fictícios que geraram divisões sociais ao longo da história da civilização.

Com a transição da racionalidade e tempo *linear* (medieval) para a *fragmentação* (pós-moderna), a morte deslocou-se da ritualística residêncial do moribundo para uma transmissão subliminar e individual através de tecnologias com signos/imagens, como por exemplo a fotografia. Devido ao fenômeno da morte necessitar de uma representatividade em qualquer sociedade, a fotografia, ao ser disparada, produz um paradigma entre a *vida* e a *morte* de maneira assimbólica e fora de qualquer ritualística, preservando a vida captada de maneira estática e permanente, porém, a realidade capturada pela artificialidade já morreu, considerando a fotografia como o retorno do morto (Barthes, 2012).

A importância do preparo profissional na área da saúde psicológica sobre a *educação para a morte* é relatada pelo despreparo das instituições, que deveriam estimular conhecimento sobre o tema da morte, envolvendo a formação sensível de profissionais da saúde e atendimentos ao público específico desta demanda (Kovács, 2005). A virtuosidade digital e acesso de conteúdos através da internet tornou-se intensa e dinâmica, criando outras dimensões de realidade para “vivê-la” de maneira artificial, o que implica novas significações perante aos sentidos da vida (Kujawa, 2009; Ribeiro, 2015).

O próximo tópico prioriza a dimensão da psicoterapia como elaboração subjetiva do fenômeno da morte sem posições do senso comum e cenários míticos.

## **Psicoterapia**

Com a criação da psicanálise no século XX, Sigmund Freud (1856-1939) introduziu no debate científico-clínico a hipótese que *além do princípio do prazer* existe uma ambivalência entre a *pulsão de vida* e *pulsão de morte*, caracterizada pela *regressão* de voltar ao estado inorgânico através da *pulsão de morte* após determinado *desejo* obtido (2010). A teoria psicanalítica freudiana sofreu diversas críticas pela hipervalorização da sexualidade na totalidade das interpretações de fenômenos psicológicos inconscientes (Chiaradia, 2017),

resultando em novas correntes teóricas psicanalíticas e na ruptura com discípulo de Freud, Carl Gustav Jung (1875-1961).

Através da psicologia analítica, Jung acreditava em elementos *transcendentais* da consciência humana onde parte do *ego* compõe uma cosmovisão de desejos e informações do *inconsciente coletivo* em um *universo*. As investigações junguianas sobre a *morte* indicam a forte representatividade social ao longo da história da civilização, que se intensifica com a noção dos personagens bíblicos de religiões, tribos, e outras coletividades. O imaginário *individual* e o *inconsciente coletivo* refletem a diversidade artística do ser humano através dos símbolos presentes nas ritualísticas e mitos culturais, repercutindo na mais profunda intimidade dos sonhos e pensamentos do cotidiano (Jung, 2016).

Nota-se a investigação analítica, diferentes cosmovisões e personagens criados multiculturalmente por determinados grupos para expressar sentimentos e a busca da essencialidade na existência. Para além do ocultismo junguiano, a perspectiva científica da teoria evolucionista explica a relação das dores emocionais ao ser informado da morte de alguém íntimo com estímulos corporais de ações: membros contorcidos; respiração forte e arrepios; assim como pensamentos de ação: ter realizado prazeres da pessoa enquanto ela ainda estava viva; ter oferecido mais companhia à pessoa quando ainda viva, etc. (Darwin, 2009).

A morte como estímulo de ação reflete a dependência social do ser humano em confiar e sentir-se pertencente à espécie. O ser humano possui um espaço social denominado *zona íntima* que é ocupado e transacionado por pessoas de segurança e valorização afetiva (Pease & Pease, 2005). O sofrimento intenso de indivíduos acometidos por doenças de gravidade crônica afetam desde as *relações íntimas* até a representação pública do indivíduo perante a sociedade. No caso da cultura brasileira, por exemplo, a insensibilidade social direcionada para a AIDS atua de maneira agressiva diante da vulnerabilidade da pessoa

acometida, e é agravada quando composta por relacionamentos homossexuais pelos estigmas medievais de condenação (Goldberg, 2004).

O senso de importância que atribui-se às relações que compõem a intimidade do sujeito são frutos de relações emocionais estabelecidas a longo prazo, o que indica que a perda espacial de uma relação íntima necessita ser ressignificada com acompanhamento psicoterapêutico devido ao impacto traumático do luto (Santos, 2018; Yalom, 2006).

A abordagem cyberantropológica compreende que a tecnologia produz inúmeros fenômenos, entre eles, a *micro-singularidade* referindo-se a uma informação que produz pensamentos simultâneos em uma massa de pessoas através da internet (Case, Nichols, & Rushkoff, 2014). A *micro-singularidade* possui uma tendência de surgir com notícias expansivas, a morte de uma celebridade é um exemplo que cria uma consciência coletiva saturada com o grande evento midiático, o que desperta sentimentos, emoções e comportamentos.

O paradigma imagético digital *Vida-Morte* constitui-se subliminarmente nas mídias sociais pela intensidade da cultura visual que publica, amplia e replica um senso de importância massivo da exposição do Eu externo digitalizado (morto) com a intensão de projetar um Eu externo real (vivo). As influências de interpretação sobre a morte, seja através da massificação com a artificialidade dos sentidos vitais com a tecnologia, até o pânico social que torna o assunto um tabu, necessita de análises sociológicas que desmistifiquem crenças e rituais medievais para a aceitação da realidade, incluindo o fenômeno social do suicídio (Marx, 2006; Durkheim, 2011).

O peso do misticismo na história da civilização ocidental para imaginar cenários e personagens da morte foi forte e possui resíduos na cultura, daí a importância de ratificar o Art. 2º do Código de Ética do Psicólogo: “B) O Psicólogo é vedado: Induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo

de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais” (CFP, p.9, 2005). Devido os diversos ângulos da postura ética que o psicólogo deve exercer para não contaminar seu trabalho científico na prática clínica, será apresentado uma analogia com o livro de Mary Shelley, *Frankenstein*, que inaugurou a ficção científica em 1818.

### **Analogia com Frankenstein ou O Prometeu Moderno**

Victor Frankenstein criou um monstro, qual não pediu para existir e revoltou-se ao ser abandonado pelo próprio criador. Imerso em seu abandono, tristeza e raiva o monstro mata todas as pessoas que Victor ama. À seguir a cena acontece no convés do capitão Walton, que após capturar Victor atirado em um nevoeiro, escuta atentamente a narrativa delirante e maníaca:

Eu gostaria de acalmá-lo, mas será que posso aconselhar alguém tão profundamente infeliz, tão destituído de qualquer esperança de consolo, que viva? Ah, não! A única alegria que lhe resta está em apaziguar seu espírito atormentado na morte. Ainda tem um último conforto, que é resultado da solidão e do delírio; acredita que em seus sonhos conversa com os amigos e desse contato obtém consolo para suas desgraças e alimento para seu desejo de vingança. Para ele, não se trata de produtos de sua imaginação, mas das próprias pessoas, que vêm de um mundo remoto visitá-lo. Essa fé confere uma solenidade a seu delírio que o torna, a meus olhos, quase tão convincente e interessante quanto a realidade. (Shelley, 2011, p. 231).

Nota-se a crença espiritual de Victor como tentativa de ajuste do desequilíbrio psíquico causado pela perda das pessoas amadas. A compreensão da psicologia científica

embasada no Código de Ética Profissional associa-se com a postura tomada por Walton, ou seja, uma compreensão de que os fenômenos e crenças da imaginação de Victor devem ser respeitados por ajudarem a suportar a realidade subjetiva do luto na qual o personagem está passando.

### **Conclusão**

A perda fatal de uma relação íntima necessita ser ressignificada com acompanhamento psicoterapêutico para equilibrar o significado existencial recíproco que não será mais vivenciado. As dúvidas existenciais sobre o medo de cair no anonimato indicam o instinto cultural e evolucionista que os grupos estabelecem entre si para suportar a condição isolada do mundo e da experiência humana.

Conclui-se, diante das diversas epistemologias, que é necessário uma compreensão multifatorial sobre o aspecto cultural da morte, e uma plataforma ética do psicológico para interpretar a representação da morte. Por fim, registra-se a relevância de continuar investigando o tema de maneira

## Referências

Ariès, P. (2012) *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. (ed. especial). (P. V. de Siqueira, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1977).

Baldissera, A. E., Bellini, L. C., Ferrer, A. L. M., Barreto M. S. da, &, Coimbra, J. A. H., Marcon, S. S. (2018) Perspectiva de profissionais de enfermagem sobre a morte na emergência. *Revista Enfermagem UFPE On Line*, 12(5), 1317-1324. doi: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i5a234545p1317-1324-2018>

Barthes, R. (2012) *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. (ed. especial). (J. C. Guimarães, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira. (Obra originalmente publicada em 1979).

Carbonari, P. C., Costa J. A. da. (orgs.) (2016). Identificando referenciais epistemológicos do comportamento contemporâneo. In I. Kujawa & H. Kujawa, *Atualidade da filosofia: homenagem aos 35 anos do IFIBE*, (pp.75-86). Passo Fundo, RS: IFIBE.

Case, A., Nichols, M., Rushkoff, D. (2014) *An illustred dictionary of cyborg anthropology*. (English ed.). Kindle Store: Amazon Serviços de Varejo do Brasil Ltda.

Chiaradia, R. (2017) Uma investigação epistemológica dos paradigmas em saúde emocional. *Revista de Psicologia da IMED*, 9(2), 142-155.

Conselho Federal de Psicologia. (2005) *Código de ética profissional do psicólogo*. Brasília, DF.

Creswell, J. W. (2014) *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. (3ªed.). (S. M. da Rosa, Trad.). Porto Alegre, RS: Penso

Darwin, C. (2009) *A expressão das emoções no homem e nos animais*. (3ª reimpressão). (L. de S. L. Garcia, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1872).

Durkheim, E. (2011) *O suicídio: estudo de sociologia*. (2ª ed.). (M. Stahel, Trad.). São Paulo, SP: WMF Martins Fontes. (Obra originalmente publicada em 1897).

Elias, N. (2001) *A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer*. (P. Dentzien, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1982).

Freud, S. (2010) *História de uma neurose infantil : (“O Homem dos Lobos”) : além do princípio do prazer e outros textos. (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras.

Goldberg, J. P. (2004) *Cultura da agressividade*. (3ªed. rev. e ampl.). São Paulo, SP: Landy Editora. (Obra originalmente publicada em 1984 com o título: *Psicologia da agressividade*).

Jung, C. G. (orgs) (2016). *O homem e seus símbolos*. (3ªed.). (M. L. Pinho, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: HarperCollins Brasil. (Obra original publicada em 1964).

Kovács, M. J. (2005) Educação para a Morte. *Psicologia Ciência e Profissão*, 25(3), 484-497.

Kujawa, I. (2009) Considerações sobre o conceito de significação. *Revista de Psicologia da IMED*, 1(1), 103-113.

Marx, K. (2006) *Sobre o suicídio*. (R. Enderle & F. Fontanella). São Paulo: Boitempo. (Originalmente impresso no *Espelho da Sociedade – Órgão de Representação das Classes Populares Despossuídas e de Análise da Situação Social Atual* em 1846).

Miotto, M. L. (2016) Da psicologia à questão da "morte do homem" em Michel Foucault. *Trans/Form/Ação*, 39(2), 119-146. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31732016000200007>

Pease, A., Pease, B. (2005) *Desvendando os segredos da linguagem corporal*. (P. J. Junior, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Sextante.

Pilagallo, O. (2010) *O sagrado na história : cristianismo*. São Paulo, SP: Duetto.

Santos, G. A. O. (2018) *Terapia Existencial da Libertação: ensaios introdutórios*. Porto Alegre, RS: Editora Fi.

Sartre, J-P. (2014) *O existencialismo é um humanismo*. (4ª ed.). (J. B. Kreuch, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Obra originalmente publicada em 1946).

Sêneca (2007) *A brevidade da vida*. (L. Feracine, Trad.). São Paulo, SP: Editora Escala. (Obra originalmente publicada 49 d.C).

Shelley, M. (2011) *Frankenstein ou o prometeu moderno*. (ed. especial). (A. Lisboa, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira. (Obra originalmente publicada em 1818).

Souza, de R. F. B. (2017) *Relações Antropológicas-Críticas na Arqueologia de Michel Foucault*. Porto Alegre, RS: Editora Fi.

Yalom, I. D. (2006) *Os desafios da terapia*. (V. de P. Assis, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Ediouro. (Obra originalmente publicada em 2002).